
Tornar-se homem, tornar-se pai: masculinidades e paternidades em disputa, nas performatividades de pessoas que gestam no Instagram¹

Clarisse Castro Cavalcante²

Kátia Lerner³

Fundação Oswaldo Cruz

RESUMO

A gravidez, como fenômeno biopsicossocial e cultural, é marcada por múltiplos sentidos e tem ganhado destaque nas redes sociais, especialmente através de narrativas de experiências gestacionais. Nelas, emerge a expressão “pessoa que gesta”, reivindicando reconhecimento e direitos reprodutivos de pessoas trans. A pesquisa analisou publicações de homens trans que mostraram seus corpos grávidos no Instagram, e analisando à luz da literatura de Gênero e de Comunicação, identificou performatividades que desafiam normas cisheteronormativas, afirmando identidades, desejos e construindo memórias. Esses relatos disputam espaço no imaginário social e revelam novas formas de vivenciar a gestação e a parentalidade, a partir de experiências dissidentes e da articulação entre gênero e comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: transgênero; gestação; cuidado; narrativas autobiográficas; nascimento

Por tratar-se de um universo repleto de significados, e um amplo mercado simbólico de produção de sentidos, a gravidez, enquanto fenômeno biopsicossocial, portanto também engendrado pela cultura, tem sido tema de inúmeras produções científicas, em diversos campos do conhecimento. A presença de narrativas autobiográficas (ou narrativas de si) relacionadas a experiências gestacionais em plataformas digitais acaba por produzir uma visibilidade tanto de processos políticos e institucionais em curso, quanto de processos de significação individual e coletiva. A produção e circulação de histórias de cuidado, de acesso ou privação de atenção à saúde, de descobertas e emoções implicadas no processo de tornar-se mãe e/ou pai, além de servirem de instrumento para a reflexão e ampliação de políticas públicas e mesmo de produção de conhecimento, mobilizam relações a partir das inúmeras e diversas perspectivas e questões que nos constituem como sujeitos com papéis sociais, expressões identitárias e sexualidades em curso, para além da heterocisnormatividade. Especialmente no último ano, observamos emergir desse universo de narrativas de si

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Informação e Comunicação em Saúde pelo Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde, da Fundação Oswaldo Cruz. E-mail: clarissecastrocavalcante@gmail.com

³ Doutora em Antropologia, docente do Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde, da Fundação Oswaldo Cruz. E-mail: klerner@icict.fiocruz.br

nas redes sociais um “novo” sujeito, representado pela expressão ‘pessoa que gesta’. Uma expressão eminentemente política, que visa reconhecer a existência e as demandas de cuidados e de direitos de pessoas trans em suas experiências reprodutivas e de parentalidade.

Assim, para identificar as performatividades de gestação e parentalidade construídas por pessoas que gestam no Instagram, realizamos um estudo qualitativo e exploratório que teve por objetos as imagens de corpos grávidos na plataforma e os textos (legendas) que acompanham as mesmas, publicados pelos próprios atores sociais em seus perfis. A coleta e a sistematização do material de pesquisa realizaram-se a partir da busca no campo de pesquisa do Instagram pela hashtag ‘pessoas que gestam’ (#pessoasquegestam), identificando perfis abertos que passamos a seguir e acompanhar. No total, para este texto (que é parte de uma pesquisa mais ampla), trabalhamos com 4 postagens, de 4 transmasculinos gestantes, analisando o que dizem sobre seus corpos e seus processos gestacionais. Apesar das imagens estarem publicadas em contas públicas, optamos por utilizar recursos de borragem de elementos essenciais, tais como nomes, localização, datas, a fim de preservar a identidade dos sujeitos de pesquisa.



Figura 1: Transmasculino gestante posa para fotografia sentado confortavelmente no sofá sem camisa, de pernas ligeiramente abertas e suspensas no sofá. Ele tem barba, diversas tatuagens no corpo e mamas mastectomizadas, que lhe permitem “circular” pela web fora do risco de censura por uma possível nudez ou argumento do tipo, que provavelmente ocorreria caso se tratasse de uma mulher, na lógica dos marcadores comportamentais de gênero.

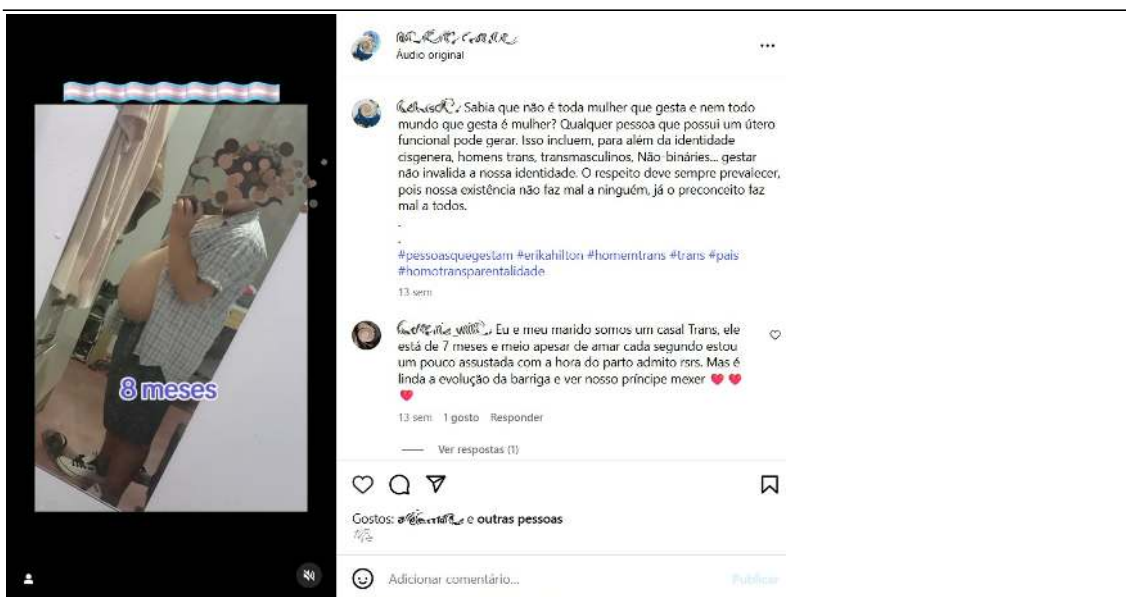


Figura 2: Transmasculino gestante faz selfie no espelho destacando a barriga grávida em perfil. Ele usa roupas masculinizadoras e traz em seu discurso, como os demais sujeitos, a ideiação da gravidez como uma possibilidade de subjetivação de todas as pessoas que possuem útero funcional; reivindicando respeito e expondo a presença do preconceito diante destas vivências.



Figura 3: Transmasculino gestante posa junto ao parceiro exibindo uma barriga grávida em estado gestacional avançado. Ele não usa camisa, tem mamas mastectomizadas, pêlos pelo corpo e na legenda destaca o construto da paternidade como marcador de seu processo gestacional. Ele fala sobre “tornar-se pai”, mostrando que novas relações de parentalidade são possíveis para além da cisheteronormatividade.

Analisando as publicações à luz das literaturas de Gênero e de Comunicação (Rubin, 1975; De Lauretis, 1994; Butler, 2021; Terra, 2021), portanto compreendendo o gênero como uma construção sociocultural, identificamos que por meio de publicações mostrando seus corpos grávidos, estes sujeitos estão performando suas histórias para diversos públicos; usando as possibilidades variadas de linguagem e interação para afirmar identidades e desejos, entre eles os reprodutivos; construindo memórias e

ampliando a circularidade dos discursos contrahegemônicos que habitam tais narrativas. No imaginário social, tais histórias disputam espaços de aceitação, naturalização e respeito, em contextos onde as normas de cisgeneridade e heterossexualidade são hegemônicas e preponderantes, mostrando que nem todas as pessoas que gestam são mulheres e nem todas as pessoas que cuidam de seus bebês são mães ou vivenciam a maternidade. Pela concatenação de tecnologias de gênero, por meio do uso de dispositivos comunicacionais, nos deparamos com dinâmicas de masculinização de homens trans, construindo experiências gestacionais dissidentes e possíveis, e elaborando, ao mesmo tempo, construtos de paternidade, e não de maternidade, representativas de novos modelos relacionais em curso.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Guilherme. “Homens trans”: novos matizes na aquarela das masculinidades?. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513–523, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200012>. Acesso em: 7 abr. 2025.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud/Thomas Laqueur; Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. Tradução de Vera Whately.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206242.
- MONTEIRO, Anne Alencar. Cavalos-marinhos: gestação e masculinidades trans. Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2018. Salvador. **Anais** [...], UFBA, Salvador, 2018. p. 1-10.
- RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “Economia Política” do Sexo. Recife: Editora SOS Corpo, 1993.
- TERRA, Victor. **Sou visto, logo existo**: eficácia, imagens de si e a instrumentalização do outro no Instagram / Victor Terra. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/ UFMG, 2021. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/produto/sou-visto-logo-existo/>. Acesso em: 6 abr. 2025.